

09-01-2025

Ler o mundo pelo trabalho – o que move o trabalhador docente?

(II)

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Um jovem, aos 17 anos, deixa o rancho de seus pais para ganhar o mundo. Queria trabalhar. Ganhar seu próprio dinheiro. Ser dono de si. Outro jovem, ainda mais jovem, aos 9 anos, resolve colocar uma caixa de engraxate nas costas e sair pela cidade, em busca de dinheiro para ajudar no sustento da família. Uma jovem, de cabelos cacheados e ruivos, vira dona de casa muito cedo, aos 11 anos, em busca de suporte para seguir os estudos. Uma outra começa a cuidar de crianças, como babá, desde os 10 anos, para ter dinheiro para comprar roupinha, maquiagens, ou coisas do tipo. Sim, jovens, que ao trocarem as brincadeiras e até os estudos por trabalho, se adultizam precocemente. Em nenhuma dessas histórias há algo fora do comum no Brasil do século XX e mesmo do início do XXI. Todavia, com avanços importantes da legislação que protege a infância e a juventude e regulamenta as condições, idades e formas de inserção de jovens no mercado de trabalho, esse cenário mudou um pouco. Só um pouco. “*Em 2022, o Brasil tinha 1,9 milhão de crianças e adolescentes com 5 a 17 anos de idade (ou 4,9% desse grupo etário) em situação de trabalho infantil. Esse contingente havia caído de 2,1 milhões (ou 5,2%) em 2016 para 1,8 milhão (ou 4,5%) em 2019, mas cresceu em 2022*” (Agência Brasil, 20/12/23). Pesquisa realizada em maio/2024, por Guilherme Lichand (Universidade Stanford/EUA), revela “*que quase 40% das crianças e adolescentes brasileiros, em idade escolar, exercem algum tipo de trabalho infantil. Esse percentual é sete vezes maior do que os dados oficiais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam apenas 4,9%*” ([Conselho Superior da Justiça do Trabalho, 29/08/24](#)). Mas esse texto almeja partir da inserção precoce de pessoas no mercado de trabalho, seja da forma que for, como resultado de algo maior. Todos, repito, todos, são impulsionados pela racionalidade que move o capitalismo enquanto modo de produção a buscar o seu “lugar ao sol”. Todos temos no trabalho o meio de luta por sobrevivência e por realização de sonhos, materialização de desejos. Somos, em última instância, existências forjadas no e pelo trabalho. Vamos às imagens que ilustrem essas afirmações. Um professor começa a trabalhar se considerando quase um super-herói, capaz de, ao ensinar crianças e adolescentes, seja lá o conhecimento que for, a transformar o mundo, segundo o que considera (o que aprendeu na faculdade e na vida, até o momento) o mais próximo do ideal. Esse trabalhador lida com seus sonhos, aspirações, desejos. Lida também com vidas de muitas pessoas e seus próprios sonhos, aspirações, desejos. Por vezes, há grandes desencontros entre as realidades vividas e imaginadas entre ele e muitos de seus alunos. Mas ele segue sonhando, ao menos enquanto consegue ser fiel a seus propósitos originários. Como seres jogados neste mundo, que possuem sua própria lógica, vivemos aquilo que podemos/escolhemos ser e fazer, diante das possibilidades que nossa existência, condição de classe, posição social, acúmulo cultural familiar, localização no espaço, relação com outras camadas da sociedade, culturas, outras realidades...

“*Somos quem podemos ser. Sonhos que podemos ter*”, já diria Humberto Gessinger. Por essa mirada existencialista humanista sartreana, olhamos para esse professor como alguém que pode ser de diferentes formas: sonhador, engajado, cansado, em vias de abandono da profissão. Professor desinteressado, que apenas espera a aposentadoria. Apaixonado, que ainda empolga e faz brilhar os olhos de seus alunos. Professor no modo automático, que só replica seus planos de aulas e cumpre programas, lança tudo nos sistemas (plataformas). Professores e mais professores. Poderia ficar citando inúmeras possibilidades de atuação do trabalhador docente. Mas quero apenas, a partir do exemplo desta profissão, voltar ao cerne da questão: **o que move o trabalhador? O que move o professor, enquanto trabalhador docente?** Seria a carreira? A possibilidade de salário razoável e estabilidade no emprego, caso consiga passar em um concurso público? Ou seria o sonho de transformar vidas? De fazer a diferença na construção de um mundo melhor? Que não queiram me matar os colegas que concordam comigo que merecemos valorização profissional, inclusive financeira - SALARIAL. Essa não é a questão central aqui. Muitos estudantes de escolas públicas, inclusive no meu caso de início, veem nas licenciaturas caminho mais fácil de acesso ao nível superior e um emprego com melhores salários que o trabalho manual, seja no campo, nas fábricas, ou na prestação de serviços no comércio, por exemplo. Ao refletir sobre possíveis respostas à **questão do que move o trabalhador docente**, volto à **parte I** deste texto. Se “*o que realmente move o trabalhador é seu corpo, sua mente, sua existência. Cada um a seu modo, no seu tempo*”, todas as possibilidades acima e outras mais são parte das possíveis respostas. Tudo o que compõe o trabalhador docente, como ser no mundo, o move. Sua condição de filho, irmão, pai, amigo, militante, religioso, sindicalista, escritor, atleta amador, apaixonado por cinema etc. etc. etc., enfim, sua trajetória de vida, antes, durante e depois de sua trajetória acadêmica e profissional lhes são combustíveis. Desde suas necessidades básicas (comer, vestir, morar, pagar boletos... e sim, infelizmente, isso é básico na vida do trabalhador) até as criadas pela sociabilidade de nossos tempos (casa de um determinado padrão, carro, viagens, certos bens de consumo...). Esse trabalhador, e qualquer outro, carrega consigo a insígnia de seu tempo, suas marcas originárias, as possibilidades das relações criadas, dos espaços vividos, dos saberes/conhecimentos acumulados. Esse trabalhador, mais uma vez me atrevo a afirmar, é movido pelo movimento do mundo. Mas não é movido a reboque. Ao menos nem todos. Há uma dialética entre o mover-se e o ser movido. Há possibilidade de existência autônoma a ser buscada, conquistada, construída. Desse esforço por ler um mundo pelo trabalho tenho aprendido que, sendo o trabalho componente essencial na constituição de nossas subjetividades, temos a obrigação de saber o que fazemos, o que de nosso trabalho é realmente nosso, ou o quanto. A que fim esse trabalho serve e o que podemos fazer para que esse trabalho faça mais sentido para si e no todo.

.....

Eis um desafio constante de cada um de nós, membros da classe trabalhadora.
Encarar as questões que vejo hoje como seminais e estruturantes
da nossa realidade enquanto classe:

Quem é você, quem sou eu, quem somos nós neste mundo? O que nos move enquanto trabalhadores? Será que aqueles jovens que cedo deixaram suas famílias para conquistar o mundo a partir do seu trabalho, detinham, à época, condições de fazer tal reflexão? Hoje, já conseguem?

Quem consegue? E o que impede os que não conseguem?

Eu, como sempre, apresentando mais questões que respostas.

Sigamos o caminho da reflexão, autorreflexão, mirada crítica.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.